

# "Não há final de Análise sem Interpretação"

Romildo do Rêgo Barros

O título que foi dado para esta plenária é muito amplo, e ao mesmo tempo bem preciso. Ele é muito amplo porque pode ser entendido de várias maneiras, dependendo do ponto de partida que se tome. É preciso porque propõe uma articulação clara, através da relação, que é de implicação, entre final de análise e interpretação.

O título pode ser entendido de várias maneiras, e nada impede que pensemos que são todas válidas. Por exemplo:

· *Somente há final de análise se houver interpretação.* Quer dizer, se falta a interpretação, a análise, ou não acontece, ou tende a se eternizar. Neste sentido, a interpretação visaria a produção de um ponto de basta, ou de uma série de pontos de basta, que tendem a coincidir com a produção do significante mestre através do qual o sujeito se representa.

· *Somente acontece final de análise quando a interpretação provoca uma separação entre o sujeito e o dispositivo analítico.* Isto é, o final da análise seria o efeito de um momento particular da interpretação, que não só "atenta contra o sujeito suposto saber", como dizia Lacan, como também dá ao sujeito a certeza de que as voltas em torno de alguns temas, que caracterizava a sua análise, encontraram aí um limite. Isto quer dizer que o final da análise não só é efeito da interpretação, como ele próprio também é, *a posteriori*, interpretável. O sujeito vai embora apoiado pelos efeitos da interpretação, que aliás já não é do analista mas sua, e ao mesmo tempo vai ser capaz de resgatar algo da sua experiência analítica, fora da "rotina quase burocrática" do dispositivo, sob a forma de uma interpretação.

· E, finalmente, *somente há interpretação se houver um final de análise em perspectiva.* Neste

sentido, cada interpretação que é proposta ao longo de uma análise repousaria sobre a hipótese de que, em algum momento, o atentado ao sujeito suposto saber significará o esvaziamento da função do analista. Nós podemos entender aqui, me parece, que o atentado ao sujeito suposto saber tem por efeito permanente a precipitação do objeto, resto do deslizamento da cadeia significante. Isto é, em cada interpretação há uma passagem, no que se refere ao analista, de Outro a objeto. É o que permite que se diga que, *grosso modo*, uma análise tem a estrutura de uma interpretação: em ambas, ocorre uma revelação da estrutura em detrimento da história.

Dizer-se que *não há final de análise sem interpretação* implica que:

- a interpretação incide sobre a causa do desejo;
- há uma equivalência entre interpretação e ato.

A partir daí, nem o analista pode se alojar em um lugar de pura escuta (já que o que regula o seu ato não é o que ele *escuta*, mas, a rigor, o que *ouve*), e nem a interpretação pode ser vista como uma mera leitura, ou tradução, dos sintomas e formações do inconsciente, mas, bem mais, como algo que visa o objeto da fantasia.

Esta última característica da interpretação, de visar o objeto da fantasia, é o que determina o efeito que Lacan chamou de atentado ao sujeito suposto saber. Na verdade, a abordagem do objeto, sempre singular, se dá em um ponto no qual o Outro já se presta às atribuições que o sujeito habitualmente lhe faz, e nem pode responder à questão essencial de qualquer sujeito: *quem sou?* É nesse ponto que se insere o comentário de Lacan, no escrito sobre *O Estádio do Espelho*, a respeito dos limites da função do analista: "... a psicanálise pode acompanhar o paciente até o limite extático do 'Tu és isso', onde se revela para ele a cifra do seu destino

*mortal, mas não está unicamente no nosso poder de praticamente levá-lo a esse momento onde começa a verdadeira viagem*"<sup>1</sup>

Nós nos aproximamos aqui de um paradoxo, que talvez seja o aspecto mais interessante da discussão: o que é uma interpretação própria do final da análise - ou, a supor que exista, uma interpretação resolutiva da análise-, se, por um lado, o enunciado interpretativo supõe alguém que encarna a suposição de saber, e, por outro, um final de análise se caracteriza justamente pela destituição de alguém nessa posição e com essa função? Em outros termos, a quem pertence o enunciado "Tu és isso"? Freud nos dá indiretamente uma idéia do que seria esse enunciado, digamos assim, de passagem ou de transição, na frase com a qual ilustra a situação de um sujeito ainda às voltas com o trabalho do inconsciente, mas já em parte liberado da suposição que o mantinha em posição de espera do saber. "Isto eu sempre soube". Não somente eu sempre soube, diria o sujeito, como também reconheço agora, naquilo que sempre soube, tudo o que me pareceu inédito no decorrer da minha análise. Lacan não nos diz quem enuncia o "Tu és isso", mas deixa claro que se trata de um limite. E ainda mais, trata-se de um "limite extático". Nós vamos voltar a esta expressão mais adiante.

Mas antes, eu gostaria de lembrar um outro aspecto da interpretação. Estou me referindo ao seu aspecto significativo, ou metafórico, cuja importância se deve ao fato de que um enunciado interpretativo se faz em geral com palavras, e se dessas palavras que cumpram a sua função de significantes, isto é, que representam o sujeito em uma cadeia. Toda a questão, então, está em saber como e em que medida se manifesta um efeito de sujeito a partir da estrutura básica do discurso do mestre, que Lacan, como sabemos, associou ao inconsciente: dada uma cadeia  $S \longrightarrow S_2$ , que, como significante, é do Outro, como é que pode surgir o  $\$$  como a verdade dessa montagem discursiva?

Para discutir esse aspecto metafórico da interpretação, eu vou me servir inicialmente de uma citação bem conhecida de Lacan, que se encontra em *A Direção da Cura*:

*"A interpretação, para decifrar a diacronia das*

*repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que aí se compõem, alguma coisa que de repente torne a tradução possível, precisamente o que permite a função do Outro no código, sendo a respeito dele que o elemento que falta aparece."*<sup>2</sup>

Esta frase tem correspondência com uma outra, de Freud, que se refere aos sonhos:

*"O trabalho que traduz o sonho latente no manifesto se chama trabalho do sonho. E o trabalho que avança na direção contrária, e que do sonho manifesto quer alcançar o latente, é nosso trabalho de interpretação."*<sup>3</sup>

Estas duas citações têm alguma coisa em comum: há em ambas a idéia de pares opostos que se cruzam, e de que a interpretação se dá precisamente nos pontos de cruzamento. Assim, na frase de Lacan, nós temos o par *diacronia* e *sincronia*, isto é, a repetição que se dá ao longo do tempo, e o significante atual, a palavra que acabou de ser dita pelo analisando ou eventualmente pelo analista. E na de Freud temos a oposição entre *trabalho do sonho* e *trabalho da interpretação*, isto é, o encontro de dois trabalhos, um conduz ao sonho e outro que conduz à interpretação.

Assim como a sincronia rompe com a diacronia, o trabalho da interpretação rompe com o trabalho do sonho. A partir da frase de Lacan, nós vemos que a interpretação introduz um *aqui e agora*, o que quer dizer que a história do sujeito de repente se manifesta como estrutura; e, na frase de Freud, nós vemos que quando a interpretação se encontra com o sonho, já não há mais sonho: a interpretação serve, digamos assim, para extrair o sujeito do sonho, para acordá-lo.

O que é interessante é que justamente nesse cruzamento, que em um certo sentido é interior às duas linhas, aparece a interpretação, que implica uma exterioridade.<sup>4</sup> Nós podemos resumir assim: a interpretação vem de fora, mas somente opera - ou, em outras palavras, somente é interpretação - quando é ao mesmo tempo interna. É claro que isso sempre foi assim, mas só após a teorização sobre o objeto feita por Lacan é que se soube o porquê. De qualquer forma, se há algo que sempre se soube, é que, por um lado, a interpretação depende da transferência e, por outro, somente é eficaz

quando se integra de alguma forma ao dito do analisando.

Esta articulação entre o dentro e o fora, ou entre o antes e o atual, que é uma condição para a interpretação, é também uma característica da própria formação do sintoma<sup>5</sup>, é nesse sentido que Lacan vai dizer que há uma *homogeneidade* entre sintoma e interpretação. A respeito do sintoma, ele diz algo em *A Psicanálise e seu Ensino* que é bem próximo do que dizia sobre a interpretação na citação anterior.

*“Nós reencontramos aí (Lacan está comentando o famoso esquecimento freudiano do nome de Signorelli) a condição constituinte que Freud impôs ao sintoma para que mereça este nome no sentido analítico: que um elemento mnemônico de uma situação anterior privilegiada seja retomado para articular a situação atual, isto é, que seja empregado inconscientemente como elemento significante com o efeito de modelar a indeterminação do vivido em uma significação tendenciosa.”*<sup>6</sup>

Parece-me que temos aí, em síntese, as relações que há entre duas situações, uma passada e outra atual, e a ausência inicial de ligação entre elas. Eu gostaria de chamar a atenção para o fato de que o que Lacan chama de “*significação tendenciosa*” é resultante do encontro das duas situações: a situação passada perdeu algo, a partir da “*indeterminação do vivido*”, e a atual somente se mantém se se apoia na tendência, ou mesmo tendenciosidade, que está na base da sua significação. Esta tendenciosidade é o indício de que há sujeito. Isto é, do ponto de vista do sujeito, toda significação é tendenciosa. No caso do esquecimento do nome de Signorelli há o sujeito Freud, que se interpôs por entre as cadeias verbais que vão se *Signor, Herr, a Signorelli*, passando por *Botticelli, Boltraffio, Herzegovina e Bósnia*, e pela importância dada pelos turcos à função sexual, “*sem a qual a vida perderá todo valor*”<sup>7</sup>. Mais do que uma interposição, nós podemos dizer que um sujeito se produz nesses intervalos, como efeito de um compromisso entre lembrança e esquecimento, isto é, como efeito do recalque, que é a condição da significação. Cabe aqui lembrar uma definição dada por Lacan para o recalque e que se encontra na *Introdução ao Comentário de Jean Hyppolite*: “*essa espécie de discordância entre*

*o significante e o significado*”.<sup>8</sup>

Apontar esta discordância, que foi uma das primeiras contribuições de Lacan à psicanálise, a partir da sua leitura de Saussure, é uma etapa necessária para tomar possíveis outras propostas que viriam depois, como o objeto *a*, a desproporção que constitui o sexual, o real como impossível, etc., na medida em que a discordância indica, em primeiro lugar, que os significantes só consistem se insistem em cadeia, e, em segundo, que o real que interessa à psicanálise está sempre situado no ponto em que a linguagem acha o seu limite. Lacan reconhece, no recalque originário freudiano, a função de servir de fronteira entre simbólico e real: “*O que Freud nos traz, em relação ao que é o Outro, é (...) que não há Outro senão pelo dizer. Mas o Todo-Outro, é inteiramente impossível de dizê-lo completamente (...) há um Urverdrangt, um inconsciente irreduzível (...) que não somente se define como impossível, mas também introduz como tal a categoria do impossível.*”<sup>9</sup>

Para avançar um pouco, digamos que uma outra figura dessa fronteira entre simbólico e real é o “*limite extático*” ao qual se refere Lacan no último parágrafo do *Estádio do Espelho*. Mas não somente: em *Função e Campo da Fala e da Linguagem*<sup>10</sup>, Lacan cita duas outras formas de conjunção entre simbólico e real, que são a *interpretação*, entendida na época como a resposta do analista a palavra verdadeira do paciente, uma resposta que consiste simplesmente em fazer ver que “*uma verdadeira palavra já contém sua resposta*”, ou em “*dar à palavra do sujeito sua pontuação dialética*”, e o *tempo*, que, tanto para a duração total de uma análise quanto de uma sessão, marca a interrupção de uma cadeia metonímica, o que lhe dá uma função de real. Se o manejo da duração da sessão pode ter um efeito interpretativo, é no sentido de que contrapõe ao deslizamento da cadeia associativa a dimensão da exterioridade. Isto é, revela que os significantes são do Outro, ao mesmo tempo que indica o limite do *Todo-Outro*, impossível de dizer completamente.

Não esqueçamos que Lacan situou também o sintoma nessa mesma articulação entre simbólico e real, o que pode nos servir para reafirmar a homogeneidade entre sintoma e interpretação.

quando se integra de alguma forma ao dito do analisando.

Esta articulação entre o dentro e o fora, ou entre o antes e o atual, que é uma condição para a interpretação, é também uma característica da própria formação do sintoma<sup>5</sup>, é nesse sentido que Lacan vai dizer que há uma *homogeneidade* entre sintoma e interpretação. A respeito do sintoma, ele diz algo em *A Psicanálise e seu Ensino* que é bem próximo do que dizia sobre a interpretação na citação anterior.

*“Nós reencontramos aí (Lacan está comentando o famoso esquecimento freudiano do nome de Signorelli) a condição constituinte que Freud impôs ao sintoma para que mereça este nome no sentido analítico: que um elemento mnemônico de uma situação anterior privilegiada seja retomado para articular a situação atual, isto é, que seja empregado inconscientemente como elemento significante com o efeito de modelar a indeterminação do vivido em uma significação tendenciosa.”*<sup>6</sup>

Parece-me que temos aí, em síntese, as relações que há entre duas situações, uma passada e outra atual, e a ausência inicial de ligação entre elas. Eu gostaria de chamar a atenção para o fato de que o que Lacan chama de “*significação tendenciosa*” é resultante do encontro das duas situações: a situação passada perdeu algo, a partir da “*indeterminação do vivido*”, e a atual somente se mantém se se apoia na tendência, ou mesmo tendenciosidade, que está na base da sua significação. Esta tendenciosidade é o indício de que há sujeito. Isto é, do ponto de vista do sujeito, toda significação é tendenciosa. No caso do esquecimento do nome de Signorelli há o sujeito Freud, que se interpôs por entre as cadeias verbais que vão se *Signor, Herr, a Signorelli*, passando por *Botticelli, Boltraffio, Herzegovina e Bósnia*, e pela importância dada pelos turcos à função sexual, “*sem a qual a vida perderá todo valor*”<sup>7</sup>. Mais do que uma interposição, nós podemos dizer que um sujeito se produz nesses intervalos, como efeito de um compromisso entre lembrança e esquecimento, isto é, como efeito do recalque, que é a condição da significação. Cabe aqui lembrar uma definição dada por Lacan para o recalque e que se encontra na *Introdução ao Comentário de Jean Hyppolite*: “*essa espécie de discordância entre*

*o significante e o significado*”.<sup>8</sup>

Apontar esta discordância, que foi uma das primeiras contribuições de Lacan à psicanálise, a partir da sua leitura de Saussure, é uma etapa necessária para tomar possíveis outras propostas que viriam depois, como o objeto *a*, a desproporção que constitui o sexual, o real como impossível, etc., na medida em que a discordância indica, em primeiro lugar, que os significantes só consistem se insistem em cadeia, e, em segundo, que o real que interessa à psicanálise está sempre situado no ponto em que a linguagem acha o seu limite. Lacan reconhece, no recalque originário freudiano, a função de servir de fronteira entre simbólico e real: “*O que Freud nos traz, em relação ao que é o Outro, é (...) que não há Outro senão pelo dizer. Mas o Todo-Outro, é inteiramente impossível de dizê-lo completamente (...) há um Urverdrangt, um inconsciente irreduzível (...) que não somente se define como impossível, mas também introduz como tal a categoria do impossível.*”<sup>9</sup>

Para avançar um pouco, digamos que uma outra figura dessa fronteira entre simbólico e real é o “*limite extático*” ao qual se refere Lacan no último parágrafo do *Estádio do Espelho*. Mas não somente: em *Função e Campo da Fala e da Linguagem*<sup>10</sup>, Lacan cita duas outras formas de junção entre simbólico e real, que são a *interpretação*, entendida na época como a resposta do analista a palavra verdadeira do paciente, uma resposta que consiste simplesmente em fazer ver que “*uma verdadeira palavra já contém sua resposta*”, ou em “*dar à palavra do sujeito sua pontuação dialética*”, e o *tempo*, que, tanto para a duração total de uma análise quanto de uma sessão, marca a interrupção de uma cadeia metonímica, o que lhe dá uma função de real. Se o manejo da duração da sessão pode ter um efeito interpretativo, é no sentido de que contrapõe ao deslizamento da cadeia associativa a dimensão da exterioridade. Isto é, revela que os significantes são do Outro, ao mesmo tempo que indica o limite do *Todo-Outro*, impossível de dizer completamente.

Não esqueçamos que Lacan situou também o sintoma nessa mesma articulação entre simbólico e real, o que pode nos servir para reafirmar a homogeneidade entre sintoma e interpretação.

Mas vamos retomar o “limite extático”. Para começar, é preciso dizer que o adjetivo “extático” se refere a “êxtase”, termo que os dicionários associam a *arrebatamento*, a alguma espécie de suspensão que sofre o sujeito diante de algo que ultrapassa o imaginário. Em outras palavras, o sujeito fica *extático* quando se defronta com um objeto que transgride a correspondência formal que os objetos conhecidos têm com a sua imagem corporal. Em parte vem daí também o efeito de surpresa que se espera de uma interpretação, e que pode até, como aponta Lacan, provocar uma despersonalização passageira: no ponto de junção e disjunção entre o significante do Outro e o objeto, vacila a continuidade do eu.

A diferença entre essa experiência, própria da análise, e o fenômeno do *Unheimlich*, é que a suspensão do imaginário narcísico na interpretação é relativa à produção do  $S_1$ , que apesar de a rigor não ter sentido, marca no entanto um lugar para o sujeito no campo do Outro. Do ponto de vista do *simbólico*, a novidade que uma interpretação pode trazer é a de possibilitar que uma nova cadeia se produza, com um  $S_1$  que já não seja um equivalente do imperativo superegóico, e uma  $S_2$  diferente de um puro saber recalcado. Do ponto de vista do *real*, aparece um desafio que certamente nunca foi formulado com clareza para o sujeito: o que fazer do objeto, questão que estava até então dissimulada pela segurança da fantasia. Um indício clínico pode ser um certo relevo que ganha o analista em alguns momentos cruciais da análise, nos quais ele se torna tão incômodo para o sujeito quanto - para usar uma expressão que se encontra em Lacan - um elefante numa loja de porcelanas. Não é possível que surja nesse ponto a reivindicação de saber quem é o analista - “como pessoa” e não só como função, o que é sinal de que o semblante está sendo questionado pelo sujeito. É a maneira do sujeito colocar, sob a forma de uma pergunta, o que Lacan tratou como problema em um dos seus seminários: *será que há um discurso que não seja só semblante?*

O final da análise como efeito da interpretação exige, além da dessuposição do saber - que na verdade ocorre em toda interpretação -, que o sintoma se desatrele do seu antigo papel da expressão da fantasia<sup>11</sup>, nos

termos com os quais Lacan a define na *Direção da Cura*: “a fantasia, no seu uso fundamental, é aquilo através do que o sujeito se sustenta no seu desejo evanescente, evanescente na medida em que a própria satisfação da demanda lhe escamoteia (*dérobe*) o seu objeto”<sup>12</sup>. Um desejo não evanescente, se podemos entender assim o que Lacan, falando do analista, denominou de “desejo advertido”, se refere a um objeto, causa do desejo, que pode não se ... na medida em que a própria presença silenciosa do analista visa mantê-lo, e é neste sentido que pode ser dito sem demanda.

<sup>1</sup>LACAN, J.- *Écrits*, Éd. Du Seuil, Paris, 1966, pág. 100.

<sup>2</sup>Idem, *ibidem*, pág. 593

<sup>3</sup>FREUD, S.- *Conferências Introdutórias*, Obras Completas, Amorrortu, Vol. XV, pág. 155.

<sup>4</sup>V. A distinção entre *exegese* e *interpretação* feita por Marcel Detienne no seu livro *A Invenção da Mitologia*, José Olympio Editora, pág. 128: “a *exegese* é o comentário incessante e imediato que uma cultura faz do seu simbolismo, de suas práticas, de tudo o que a constitui como cultura viva (...) A interpretação, por sua vez, surge quando há distância de fora para a tradição memorial”.

<sup>5</sup>Não foi por outra razão que Freud iniciou a sua abordagem do sintoma neurótico situando primeiramente o que seria a *exterioridade absoluta* do sujeito, o trauma, o que acarretou um novo estatuto para a dimensão do passado.

<sup>6</sup>LACAN, J.-Op.cit, pág. 447.

<sup>7</sup>FREUD, S.- *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Obras Completas, Amorrortu Ed., Vol. VI, pág. 11.

<sup>8</sup>LACAN, J.-Op. cit, pág. 372.

<sup>9</sup>LACAN, J.- *R.S.I.*, seminário inédito, aula de 17/12/1974.

<sup>10</sup>LACAN J.- *Écrits*, pág. 310.

<sup>11</sup>Não estaria aqui o ponto de separação, assinalado por Freud, entre a análise e a sugestão?

<sup>12</sup>LACAN, J.-Op.cit., pág. 637.